

AGENDA POLÍTICA PÚBLICA

VOLUME 5, DEZEMBRO 2024



APOIO:



REALIZAÇÃO:



METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS E OS DESAFIO DE CO-CRIAÇÃO

CAROLINA CARVALHO, LEILA MARIA VENDRAMETTO
e PEDRO ROBERTO JACOBI

PRINCIPAIS MENSAGENS

Escuta Ativa, Metodologias Participativas e Co-criação: Construção de soluções inclusivas e adaptadas às realidades locais, integrando saberes da comunidade. A co-criação fortalece as políticas públicas, promove o engajamento cívico e o desenvolvimento equitativo.

Inclusão e Representatividade: Garantia de que todas as vozes da comunidade sejam ouvidas e consideradas no processo de decisão.

Valorização do Conhecimento Local: Reconhecimento das experiências e saberes dos moradores sobre o território.

Fortalecimento Comunitário: Construção da capacidade da comunidade para influenciar seu próprio futuro e promover a coesão social.

Transparência e Responsabilidade: Aumento da responsabilidade e confiança através da abertura no processo de decisão.

Identificação de Problemas e Soluções: Detecção de questões e co-criação de soluções inovadoras, promovendo a resolução de conflitos e ajustando o processo conforme necessário.

Autores:

Carolina Carvalho
Leila Maria Vendrametto
Pedro Roberto Jacobi



Universidade de São Paulo
Reitor: Carlos Gilberto Carlotti Junior
Vice-reitora: Maria Arminda do Nascimento Arruda

Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de
São Paulo
Diretor: Prof. Dr. Tércio Ambrizzi
Vice-diretor: Prof. Dr. Ildo Sauer

FICHA CATALOGRÁFICA

C331 Carvalho, Carolina
Metodologias participativas e os desafios de co-criação. I [recurso eletrônico] / Carolina Carvalho
, Leila Maria Vendrametto, Pedro Roberto Jacobi ; coordenação Pedro Roberto Jacobi. — São
Paulo: IEE-USP, 2024
v. 5: il. 30 cm. (Série: Agenda política pública – SEGHID, v.5, dez. 2024)

ISBN 978-65-88109-44-1
DOI 10.5281/zenodo.14516926

1. Educação ambiental. 2. Participação comunitária. 3. Planejamento territorial. I. Vendrametto,
Leila Maria. II. Jacobi, Pedro Roberto. III. Título. IV. Série.

CDU 37:502

Elaborado por Maria Penha da Silva Oliveira CRB-8/6961

©2024 IEE-USP
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida,
desde que sempre se cite a fonte.



INTRODUÇÃO

As metodologias participativas emergem como uma resposta vital às limitações dos métodos tradicionais de tomada de decisão, especialmente em contextos onde a inclusão e a eficácia são fundamentais. Envolver diretamente os cidadãos no processo de planejamento e execução, garantem que as soluções desenvolvidas reflitam as necessidades e realidades locais, e que também promovam uma maior aceitação e engajamento.

A co-criação transforma a forma como abordamos problemas complexos, substituindo a visão unidimensional dos especialistas por um diálogo aberto e colaborativo que valoriza a diversidade de perspectivas e experiências. O objetivo das metodologias participativas é incluir a população no processo de tomada de

decisões, especialmente em questões que afetam diretamente suas vidas e territórios.

Essas metodologias buscam democratizar a participação na tomada de decisão garantindo que a comunidade tenha voz e poder de influência ao longo do processo. Elas promovem a corresponsabilidade entre os atores envolvidos e estimulam a construção coletiva e de soluções mais justas e adequadas às realidades locais.

Os saberes locais dos moradores sobre seu território e suas necessidades são atributos básicos para a co-criação com soluções inovadoras, promovendo a transparência e a responsabilidade no processo decisório, e fortalecendo a coesão social.

ATIVIDADES PRÁTICAS

CARTOGRAFIA SOCIAL

A cartografia social é a construção de mapas com os cidadãos, com o maior objetivo de conhecer a fundo o território sob a sua perspectiva, e assim, delimitar e priorizar demandas da população para decisões mais eficientes e justas no planejamento urbano. No geral, mapas são instrumentos desenvolvidos por especialistas, que contém informações sobre o meio físico e social, mas que não contemplam informações territoriais sob a perspectiva dos cidadãos que estão no território em questão.

Assim, com o apoio de ferramentas específicas, os mapas participativos possibilitam o reconhecimento dos problemas e demandas das pessoas, fornecendo suporte para melhoria de políticas públicas locais e reivindicações (Andrade et al, 2015). Existem diversas ferramentas e técnicas de cartografia social disponíveis, desde mapas falantes até plataformas de mapeamento online colaborativo.



Fotografia: Carolina Carvalho (mapeamento participativo SESC Itaquera)

PRINCIPAIS FERRAMENTAS:

Mapas Falantes

O mapa falante é uma representação gráfica livre do território. para reconhecimento, co-criação e até mesmo proposição de estratégias e soluções. Neste caso os pontos mapeados podem ou não precisão geográfica.

Mapeamento em Escala

São mapas participativos realizados com o suporte de um mapa base. Aqui, os pontos mapeados devem ser localizados com as coordenadas geográficas corretas ou com pouca margem de erro.

Modelos em 3D (maquete)

Também conhecido como mapeamento tridimensional, para a sua execução é necessário um aprofundado conhecimento territorial, além dos materiais necessários, tais como tinta, uma plataforma, materiais adequados para reprodução do relevo local e um mapa base.

Fotografias aéreas, e/ou imagens de satélite

Fotografias aéreas ou mesmo imagens de satélite podem ser utilizadas como mapa base ou suporte para reconhecimento territorial no desenvolvimento do processo de cartografia social.



Fotografia: Carolina Carvalho (mapeamento participativo realizado na Brasilândia, SP, para o evento “Diálogos sobre Desigualdades Socioambientais: Paralelos entre Injustiça e Racismo Ambiental (Brasil-Estados Unidos), em outubro de 2022 - Instituto Pólis, Instituto Perifa Sustentável, Comunidades Vivas e EACH-USP)



Fonte: Fotografia de Pedro Roberto Jacobi da atividade da Disciplina de Justiça Climática PCA5043 no Jardim Pantanal

PASSO A PASSO:

- Seleção do recorte territorial
- Estabelecimento de vínculos de confiança com a comunidade local
- Apresentação do projeto de cartografia social para a comunidade e escuta ativa
- Desenvolvimento da dinâmica de cartografia social em diversos encontros
- Validação dos mapas participativos com a comunidade

A cartografia social é ideal para diagnósticos comunitários de bairro e para integrar moradores e técnicos em discussões sobre o espaço urbano, com o objetivo de melhorias locais, que podem ter impacto em políticas públicas municipais ou até mesmo estaduais. É indicado um monitoramento do processo de cartografia social, e para tanto, envolver moradores nas diversas etapas do planejamento urbano é essencial.

WORLD CAFÉ/ CAFÉ COM PROSA

O World Café, ou Café com Prosa, é uma metodologia participativa que incentiva diálogos significativos em grupos pequenos. Na atividade, os participantes se reúnem em mesas, cada uma equipada com papel A3 e canetas coloridas, permitindo que registrem suas ideias e reflexões enquanto discutem questões importantes relacionadas ao tema central.

Durante a conversa, que dura de 15 a 30 minutos, os participantes exploram um tópico específico. Após esse período, ocorre um rodízio, onde os participantes trocam de mesa, enquanto alguns "anfitriões" permanecem para compartilhar as discussões anteriores. Essa dinâmica facilita a troca de perspectivas, pois novos participantes trazem suas contribuições para as mesas. As anotações visuais feitas nos papéis ajudam a sintetizar as ideias e criar um registro das conversas.

Um elemento essencial do World Café é a presença de comes e bebes nas mesas, que cria um ambiente acolhedor e descontraído, incentivando a interação e a troca de ideias de forma mais informal. Ao final da atividade, as ideias e insights coletados são compartilhados com todos que promovem um entendimento coletivo e a co-criação de soluções.

PASSO A PASSO:

- Preparação:** Organize várias mesas, cada uma com uma questão ou tema a ser discutido. Deixe materiais como papéis e canetas à disposição.
- Rotações:** Os participantes elegem um relator e discutem o tema da mesa por um tempo determinado (ex: 20 minutos), e depois rodam para outra mesa menos o relator que continua a conversa onde o grupo anterior parou.
- Síntese:** No final, os relatores fazem uma apresentação das principais ideias e conclusões de cada mesa, destacando convergências e propostas.

Habilidade: Ideal para explorar várias perspectivas sobre uma questão complexa, gerando uma visão coletiva. Pode ser usado em planejamentos estratégicos, desenvolvimento de políticas públicas ou avaliação de programas.



Fonte: Imagens 1 e 2 – Paloma de Farias Portela – In: Aprendizagem Social- Diálogo e Ferramentas Participativas : Aprender Juntos para Cuidar da Água- 2011

MAPA AFETIVO

O Mapa Afetivo é uma ferramenta de cartografia social onde os participantes desenham um mapa do território com base nas suas emoções e vivências pessoais.

PASSO A PASSO:

- Introdução:** Peça aos participantes que desenhem o bairro a partir das suas experiências, destacando locais que lhes causam sentimentos positivos ou negativos.
- Compartilhamento:** Os participantes apresentam seus mapas e discutem as relações emocionais que têm com o território, identificando pontos de afeto, medo, segurança, etc.
- Análise Coletiva:** As informações são consolidadas para entender como a comunidade percebe o espaço e como isso pode influenciar intervenções futuras.

Habilidade: Utilizado para entender a relação subjetiva das pessoas com o espaço urbano, especialmente em projetos de requalificação de áreas públicas ou de intervenção comunitária.



CÍRCULOS DE ESCUTA

A metodologia dos Círculos de Escuta, ou Círculos de Diálogo, cria um espaço seguro para a expressão individual. Os participantes se reúnem em um círculo, simbolizando igualdade, onde cada um fala sem interrupções, geralmente utilizando um objeto simbólico, como um bastão de fala, para garantir que todos sejam ouvidos.

Essa abordagem é eficaz para abordar temas delicados e permite que os participantes compartilhem experiências e emoções. Normas de respeito e confidencialidade asseguram um ambiente seguro. Ao final, os participantes refletem sobre o que aprenderam e promovem empatia e compreensão mútua.

PASSO A PASSO:

Organização: Forme um círculo onde todos tenham espaço para falar, sem interrupções. Importante ter um objeto de fala para que a escuta aconteça de forma respeitosa, evitando interrupções.

Escuta Ativa: Cada pessoa tem um tempo determinado para falar, enquanto os outros escutam. Não há debates imediatos, apenas a troca de experiências.

Reflexão: Após a rodada de escuta, o grupo reflete sobre os temas levantados, buscando consensos ou pontos de ação..



Habilidade: Excelente para resolver conflitos, fortalecer laços comunitários e identificar questões que precisam de atenção.

Fonte: Fotografia da Marcia Duarte na oficina “Jardim Pantanal: um bairro feito a muitas mãos” realizada em 2023 pelo Instituto Alana em parceria com o Circuito Urbano da Onu Habitat

CAMINHADA DIAGNÓSTICA

Os participantes fazem uma caminhada pelo território e observam aspectos importantes. A Caminhada Diagnóstica pode ser parte integrante do processo de cartografia social, com o objetivo de detalhar ainda mais os mapas participativos.

PASSO A PASSO:

Escolha da Rota: Defina uma rota estratégica que passe pelos principais pontos de interesse ou problema da comunidade.

Observação e Diálogo: Durante a caminhada, os participantes observam e discutem questões relacionadas ao território, como áreas de risco, infraestruturas ou espaços de convivência. Podem fazer anotações ou mesmo adicionar pontos em um mapa base.

Relatório Visual: Após a caminhada, o grupo reúne suas observações e propõe ações para melhorar o território.

Habilidade: Ideal para diagnósticos comunitários e para integrar moradores e técnicos em discussões sobre o espaço urbano.

Essas metodologias promovem uma troca rica de conhecimentos e experiências que têm o potencial de melhorar a qualidade e eficácia dos projetos e políticas e promovem uma maior justiça social e fortalecimento das comunidades, criando um ambiente mais colaborativo e inclusivo.



Fonte: Fotografia 1 da Talita Mendonça e Fotografia 2 do João Pedro Rocha na atividade de campo no Jardim Pantanal da disciplina PCA5043

RECOMENDAÇÕES PARA INTEGRAR MÉTODOS DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL NA TOMADA DE DECISÃO

Os métodos descritos podem ser integrados nos instrumentos de planejamento urbano e ambiental nas suas diversas etapas, caracterizando um planejamento participativo e contendo estratégias e soluções mais eficazes para cidades mais justas.

- Estabelecimento de vínculos de confiança com cidadãos
- Conhecimento aprofundado do território
- Escuta ativa da comunidade
- Definição das ferramentas de participação mais adequadas
- Definição de um cronograma de aplicação das ferramentas e execução dos encontros
- Análise de dados qualitativos e quantitativos
- Validação dos resultados com a comunidade
- Definição de produtos de impacto para disseminação

A escuta ativa e a co-criação elevam a eficácia das políticas públicas, em que possibilita senso de pertencimento e engajamento cívico entre os cidadãos.

Dessa forma, as metodologias participativas aprimoram a qualidade das decisões e promovem um ambiente colaborativo, fundamental para o desenvolvimento equitativo das comunidades. Isso implica considerar e valorizar os saberes, experiências acumuladas, crenças e culturas dos indivíduos envolvidos.

REFERÊNCIAS:

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JACOBI, P.R. (org). Aprendizagem Social- Diálogos e Ferramentas Participativas: Aprender Juntos para Cuidar da Água. IEE/USP, 2011.

SOUTO, R.D.; MENEZES, P.M.L. de; FERNANDES, M. do C. (org.). Mapeamento Participativo e Cartografia Social: aspectos conceituais e trajetórias de pesquisa. Edição da autora. Rio de Janeiro: Instituto Virtual para o Desenvolvimento Sustentável IVIDES.org, 2021. 214 p. ISBN 978-65-00-35645-8.

STRASSER, B.J.; BAUDRY, J., MAHR, D., SANCHEZ, G.; TANCOIGNE, E. Citizen Science? Rethinking Science and Public Participation, Science & Technology Studies, Finland, 2019.

SULAIMAN, S. N.; JACOBI, P. R; Melhor prevenir: Olhares e saberes para a redução de risco de desastre. São Paulo: IEE-USP, 2018.

SOBRE OS AUTORES

Carolina Carvalho

Fez pós-doutorado na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), e é doutora em planejamento ambiental (UFRJ). É mestra em sensoriamento remoto (INPE) e graduada em geologia pela Unesp. Atualmente é pesquisadora colaboradora do IEE-USP, pesquisadora visitante da Universidade de Victoria, Canadá, e fundadora do Comunidades Vivas – Mapeamento Participativo.

Pedro Roberto Jacobi

Mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela Graduate School of Design – Harvard University (1976), Doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo (1986). Livre Docente em Educação –USP. Foi Professor da Faculdade de Educação da USP (1988-2018). É Professor Titular Sênior do Programa de Pós Graduação em Ciência Ambiental (PROCAM/IEE/USP) da Universidade de São Paulo. Membro da Divisão Científica de Gestão, Ciência e Tecnologia Ambiental do Instituto de Energia e Ambiente/USP.

Leila Maria Vendrametto

É doutoranda em Ciência Ambiental no Instituto Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo. Possui graduação em Comunicação em Multimeios (2007), Licenciatura e Bacharelado em Geografia (2015) Pesquisadora do projeto de emergência climática vinculado ao IEE/USP sobre governança e segurança hídrica adaptativa: dimensões técnica, participativa e sustentabilidade, num contexto de mudanças climáticas, nas bacias hidrográficas do Alto Tietê e do Paraíba" É coordenadora do Urbanizar e líder de Natureza no Instituto Alana. Atualmente representa o Instituto Alana como conselheira no Conselho Consultivo da APA da várzea do rio Tietê, e coordena a Câmara Técnica de Educação Ambiental.

Contato

Carolina Carvalho – carvalhocm@gmail.com

Pedro Jacobi – prjacobi@gmail.com

Leila Maria Vendrametto – leila.vendrametto@gmail.com

AGENDA POLÍTICA PÚBLICA se estrutura como sequência de documentos com informações baseadas em pesquisas do GovAmb com instituições parceiras com recomendações de opções e ações que contribuem para fortalecer e ampliar os debates sobre políticas públicas com enfoque inter e transdisciplinar na perspectiva da governança socioambiental nas suas múltiplas dimensões. Foi iniciado em 2023 sob a coordenação do Dr. Pedro R. Jacobi, Professor Titular Sênior do Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo. No ano 2022 firmamos parceria no projeto SEGHID (Segurança Hídrica), formado por diversas instituições do Estado da Paraíba e de São Paulo, sob coordenação do Prof. Dr. José Irivaldo Alves Oliveira Silva, da Universidade Federal de Campina Grande, e do Prof. Dr. Pedro Jacobi, da Universidade de São Paulo. O SEGHID é uma iniciativa inovadora entre parceiros de universidades do Estado de São Paulo e da Paraíba com foco na elaboração de propostas de diretrizes e planos de governança e segurança hídrica adaptativa, levando-se em consideração as dimensões técnica, participativa e de sustentabilidade, num contexto de mudanças climáticas, atuando em duas bacias, a do Rio Paraíba no semiárido da Paraíba, e do Alto Tietê em São Paulo. Essa iniciativa contou com o apoio da Fapesp através do Projeto n. 2022-08396-0 e da Fapesq através do Edital Fapesp-Fapesq, termo de outorga n. 026/2023.